



## O piccolo e os grupos sinfônicos: uma abordagem histórica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Performance Musical

*Eduardo Gonçalves dos Santos*  
Universidade Federal de Mato Grosso – educlarinetista@hotmail.com

*Gabriela Deps Gomes*  
Faculdade de Música do Espírito Santo – gabrieladeps@hotmail.com

*Samanta Adriele Neiva dos Santos*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – samantaadriele@hotmail.com

**Resumo.** Esta pesquisa visa elucidar um pouco da história do piccolo e a sua relação com as bandas e orquestras sinfônicas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, através de pesquisa bibliográfica. São alguns de nossos referenciais Benatti (2017), Gippo (2009) e Hanlon (2017). Como resultados podemos perceber particularidades do piccolo, mesmo sendo bastante próximo à flauta transversal, porém, guardando diferenças no desenvolvimento e nas finalidades musicais ao longo dos anos.

**Palavras-chave.** Piccolo. Piccolo e os grupos sinfônicos. Flauta Transversal.

**Title:** The piccolo and the symphonic ensemble: a historic approach.

**Abstract.** This ongoing research aims to elucidate a little bit the history of piccolo and its relationship with the symphonic bands and orchestras. It's a qualitative research, of an exploratory nature, through bibliographical research. Some benchmarks are Benatti (2017), Gippo (2009) and Hanlon (2017). As results we can sense characteristics of piccolo, even though it was very close the transverse flute, but, hold differences in the development and the purposes musicals over the years.

**Keywords.** Piccolo. Piccolo and the symphonic ensemble. Transverse Flute.

### 1. Introdução

Em grupos sinfônicos, como bandas e orquestras, o naipe de flautas geralmente é composto por diferentes vozes distribuídas entre as primeiras flautas, segundas flautas, e uma flauta piccolo, este último é, normalmente, o instrumento responsável pela voz mais aguda, comparada aos seus congêneres bem como todo o restante do conjunto. Roy Bennett (1985) corrobora explanando sobre a atuação desses instrumentos no naipe de madeiras de uma orquestra sinfônica desde o século XVIII:

No final do século XVIII - quando Haydn estava escrevendo suas últimas sinfonias e Beethoven estava para escrever a sua primeira -, o naipe das madeiras consistia em duas flautas, dois oboés, duas clarinetas e dois fagotes. Durante o século XIX, versões maiores ou menores de cada um desses instrumentos foram sendo incorporados à orquestra, aumentando assim a extensão das notas e a variedade de timbres, de tal modo que a formação do



naípe das madeiras na orquestra moderna frequentemente inclui: Flautas e Flautim; Oboés e Corne inglês; Clarinetas e Clarineta baixo (clarone); Fagotes e Contra fagotes; E ocasionalmente saxofone. (BENNETT, 1985, p. 31).

Embora a literatura do piccolo solo reporte-se a Antônio Vivaldi, o papel mais comumente desempenhado pelo piccolo tem sido como um instrumento auxiliar à flauta e ao grupo, Hanlon (2017) relata que, desde meados do século XVIII, muitos compositores reconhecem o piccolo como uma extensão da flauta, utilizando-o para adicionar uma oitava no topo da orquestra. Apenas nas últimas cinco décadas os compositores começaram a explorar o piccolo como um instrumento solista, atuando também na música de câmara, capaz de produzir muito mais cor e nuances do que previsto anteriormente.

Segundo Benatti (2017, p. 8) “o piccolo é um instrumento de uso recente nos palcos de recitais e música de câmara de todo o mundo”, atuando ainda como solista dentro e fora das orquestras. Porém, o piccolo geralmente é estudado ou executado com uma certa frequência, em suma, conforme a demanda do repertório. Devido à falta de instrução formal do piccolo, muitos flautistas têm sua primeira experiência em tocar esse instrumento em bandas escolares, bandas marciais ou já em audições. Sendo assim, “surge a necessidade de uma formação específica do piccolo independente da flauta”, ou seja, “piccolistas profissionais e não flautistas que tocam piccolo” (BENATTI, 2017, p. 8).

Como objetivo principal deste trabalho buscaremos elucidar alguns fatos arrolados à história do piccolo e a sua relação com as bandas e orquestras sinfônicas, procurando entender a origem deste instrumento e seu desenvolvimento, bem como conhecer sua relação com os grupos mencionados e os compositores que o utilizaram.

Essa pesquisa justifica-se enquanto um material no qual os piccolistas, flautistas e interessados em bandas e orquestras sinfônicas, poderão se apoiar a fim de compreender melhor a origem e a importância da atuação do piccolo como protagonista, independente da flauta, em um grupo sinfônico, abarcando ainda sua atuação como solista bem como na música de câmara. Estão presentes neste trabalho, pesquisas bibliográficas que, segundo Gil (2008), são “desenvolvidas a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 50).

## **2. O piccolo**

A palavra piccolo vem do italiano e significa pequeno, referindo-se na música, aos instrumentos menores e, conseqüentemente mais agudos, como exemplo trompete piccolo, clarineta piccolo, flauta piccolo e outros (GROVE, 1994). No Brasil a flauta piccolo também é muito conhecida como flautim. Segundo o dicionário Grove (1907) piccolo é a abreviação de flauta piccolo, e também pode ser chamado de "ottavino" (outra palavra de origem italiana, referindo-se à flauta que soa uma oitava acima). Em partituras mais antigas, ainda é possível encontrar partes que são destinadas ao instrumento "ottavino" e hoje são executados pelo piccolo. Karen Evans Moratz (2013) nos traz em seu livro "Flauta: para leigos", a seguinte definição de piccolo:

Um pequeno instrumento que toca uma oitava acima da flauta de concerto em C, o que significa que se sobressai aos outros instrumentos em uma banda ou uma orquestra, e você pode usar os mesmos dedilhados, mas todas as notas soam uma oitava acima do que soariam na flauta em C. (MORATZ, 2013, p. 323).

A história do piccolo é tão antiga quanto a da flauta (BENATTI, 2017). Corroborando com essa afirmação, Hanlon (2017) e Gippo (2009) acreditam que é preciso voltar à idade da pedra quando as primeiras flautas eram confeccionadas com ossos secos de animais com alguns furos. Segundo esses autores, em 2008 foi localizada uma das mais antigas flautas pré-históricas no sul da Alemanha, feita com osso de uma ave extinta, a qual se assemelha a uma pequena flauta, e o Carbono-14 datado pelos cientistas era de pelo menos trinta e cinco mil anos atrás. Também foram encontrados alguns fragmentos de flautas feitos com ossos de mamute. Segundo os autores, no ano de 1999 várias flautas foram descobertas por arqueólogos na China, sugerindo que o Carbono-14 tenha entre 7000 e 9000 anos de idade e ainda assim, foi possível tocar nesses instrumentos produzindo sonoridade equivalente a escalar maior ocidental.

Hanlon (2017) aponta que nesta época, existiam diversos modelos de flautas, variando de tamanho, dependendo dos ossos dos diferentes animais. Ao relacionar as flautas menores como antecessoras do piccolo que conhecemos hoje, o autor complementa:

Registros mostram que culturas não-ocidentais usaram pequenas flautas transversais para fins cerimoniais que remontam ao século IX a.C. Estas pequenas flautas podem ser consideradas parentes distantes do piccolo moderno e demonstram a importância cultural da voz mais aguda em culturas não ocidentais. Na China, há uma flauta de dez furos disponível em vários tamanhos, chamada o ti-tzu é usado no desempenho da música tradicional. (HANLON, 2017, p. 14, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Neste período da história da música, foram feitos vários testes para desenvolver os instrumentos que conhecemos hoje. Hanlon (2017) menciona Michael Praetorius que relaciona em seu tratado *Syntagma Musicum* (1615-1619), várias flautas. Dentre os instrumentos listados, havia a descrição de uma flauta que era executada exatamente uma oitava acima da parte escrita, porém, não há relato de que essa flauta era especificamente menor. Segundo o autor, alguns flautistas tinham até cinco flautas, com variados tamanhos e chaves, para acomodar tanto a afinação quanto as divisões de vozes, conforme necessário.

Um instrumento antecedente do piccolo, é o pífaro, Hanlon (2017, p. 15, tradução nossa) diz que “foi desenvolvido durante a Idade Média (c. 500-1430) e é uma forma primitiva do flautim moderno”<sup>2</sup>. Ele define o pífaro antigo como “um pequeno tubo cilíndrico com uma rolha em uma das extremidades, muitas vezes em Si bemol ou Lá bemol”<sup>3</sup> (HANLON, 2017, p. 15, tradução nossa). Gippo (2009) afirma que a primeira documentação referente ao uso do pífaro data do século XVI, na Suíça, introduzido na música militar, conduzindo as tropas para a batalha de Marignano em 1515. Conforme o mesmo autor, a proposta deste instrumento era conduzir os comandos musicais, usando diferentes chamadas a fim de sinalizar para o exército a próxima movimentação ou posição. Os alemães também usaram o pífaro para a mesma finalidade neste período. Hanlon (2017) explica que o piccolo foi escolhido para este papel por ser capaz de manter o tempo juntamente com os instrumentos de percussão. Por esse mesmo motivo entendemos atualmente como o som do piccolo consegue cortar a textura de uma orquestra. Gippo (2009) relata que Handel usou o pífaro junto com pratos e tambores na sua ópera *Almira*.

Segundo Hanlon (2017), o piccolo começou pouco a pouco a substituir o pífaro. Gippo (2009) destaca que foi durante o período barroco que o piccolo começou a desenvolver-se e distanciar-se do pífaro principalmente do ponto de vista das possibilidades técnicas ao adicionar chaves, as quais não existiam no pífaro. Foi durante este período que Vivaldi escreveu alguns concertos para o piccolo, no entanto, após o início do século XVIII, existem poucas evidências de desenvolvimento do piccolo.

No século XIX, a construção do piccolo se desenvolveu próximo à da flauta, porém, os desenvolvimentos técnicos, de execução e performáticos aconteceram após a flauta (GIPPO, 2009). Foram testados muitos modelos de piccolos, de diversos materiais e com diferentes modelos de chaves.

De 34 catálogos que Zart Dombourian-Eby examinou para sua dissertação, ela determinou que era capaz que os fabricantes de flautas fizeram piccolos em mais de 40 diferentes sistemas de chaves, sete tonalidades diferentes, fora os mais de seis diferentes materiais. (GIPPO, 2009, p. 29, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Gippo (2009) relata que no final do século XVIII alguns piccolos tinham chaves extras e com o pé que separava do corpo. Com a chegada do sistema Boehm<sup>5</sup> para as flautas e os piccolos, utilizado até os dias de hoje, muitas outras mudanças aconteceram, uma delas foi o formato do corpo do piccolo, ocorrido no ano de 1846. Conforme Gippo (2009), Boehm foi o responsável por substituir o formato do corpo do referido instrumento de cilíndrico para cônico, a fim de melhorar as notas agudas e a projeção do som. Com essas melhorias, o piccolo começou a ser muito usado nas orquestras.

### 3. O piccolo na orquestra sinfônica

Em 1711, Handel incorporou o piccolo em sua ópera *Rinaldo*, Bach utilizou-o na *Cantata BWV 103* em 1725, Rameau, na abertura da ópera *Acante et Céphise* em 1751, Mozart, em algumas de suas óperas e também na mais conhecida, *A flauta mágica*. Mais tarde Gluck utilizou o piccolo em trechos com percussão da ópera *Iphigénie en Tauride*, além de Rossini, que introduziu o piccolo em suas óperas, porém, Beethoven foi o primeiro a inserir o piccolo em uma sinfonia, utilizando-o nas sinfonias de números 5 e 9 e na Abertura *Egmont*. A partir do período romântico, Tchaikovsky e Berlioz foram compositores que atribuíram muitos créditos para solos de piccolo em trabalhos sinfônicos, como por exemplo o famoso trecho de piccolo no terceiro movimento da quarta sinfonia de Tchaikovsky e o trecho em que Berlioz utilizou dois piccolos em uma situação de solo na *Dança dos Espíritos*. Outros compositores deste período também utilizaram o piccolo, principalmente relacionando-o com cenas mágicas e supernaturais, como exemplo Sullivan, Weber e Wagner (GIPPO, 2009).

No início do século XX, compositores como Mahler, Ravel e Shostakovich utilizaram o piccolo com bastante frequência em seus trabalhos orquestrais. Mahler empregou este instrumento em uma cadência solo na sua segunda sinfonia, posteriormente em um solo na sua quinta sinfonia e em um solo e dueto com uma soprano na peça *Das Lied von Erde*. Ravel seguiu Mahler e também utilizou dois piccolos em diversos de seus trabalhos orquestrais bem como em notáveis trabalhos, a



citar, *Scheherazade*, *Rapsodie espagnole*, *Ma Mère l'oye* e *Daphnis et Chloé*. Shostakovich utilizou o piccolo em todas as suas sinfonias, incluindo solos e duetos de piccolos. Esses solos de piccolo vão de melodias lentas a muito rápidas e que demandam considerável capacidade técnica para o piccolista (GIPPO, 2009).

#### 4. O piccolo na banda sinfônica

Gippo (2009) relata sobre o início das bandas sinfônicas e o papel do piccolo neste contexto: “enquanto as primeiras marchas militares incluíam os pífaros ou os piccolos, as primeiras bandas de sopros iniciaram os trabalhos como resultado da Revolução Francesa”<sup>6</sup> (GIPPO, 2009, p. 32, tradução nossa). Segundo o autor, após esse movimento Bernard Sarrete organizou a Banda da Guarda Nacional da França em 1789, com a base em Paris e utilizando um grupo de quarenta e cinco músicos, o que poderia ser considerada uma banda moderna em termos de tamanho, função e repertório. Depois disso, outras bandas se organizaram em formações menores ou também de grupos civis.

O compositor francês François Joseph Gossec foi escolhido para fazer uma peça para esta formação de instrumentos de sopros, porém, com as vozes e partes divididas e organizadas. Devido ao surgimento da banda de concerto houve a necessidade de introduzir músicas diferentes das marchas das bandas militares, então, desde Gossec, outros compositores dedicaram músicas a esta formação (GIPPO, 2009). Sobre a presença do piccolo nesse grupo, Gippo (2009) nos relata que “o piccolo foi um importante instrumento na banda de repertório desde o começo e continuou a ser tão importante como nas bandas militares”<sup>7</sup> (GIPPO, 2009, p. 33, tradução nossa).

John Philip Souza foi uma figura muito importante para o desenvolvimento da banda, compôs muitas marchas e peças para esta formação, inclusive dedicou alguns solos ao piccolo, como a famosa peça *Star and Stripes Forever March* conhecida como marcha dos Estados Unidos (GIPPO, 2009).

A afinação das bandas militares era mais baixa, pois, se adequavam aos instrumentos de metais. Essa prática continuou no século XX e muitas bandas militares e musicais usavam a afinação em Ré bemol, por isso eram usados piccolo afinados em Ré bemol, todavia, alguns músicos usavam piccolo em Dó, havendo a necessidade de transportar a afinação. Algumas composições foram realizadas para piccolo em Ré bemol, como as famosas *Primeira Suíte* em Mi bemol maior e a *Segunda Suíte* em Fá maior, de Gustav Holst, e *Star and Stripes Forever March*, de John P. Souza. Com a



valorização da música da banda de concerto e de sopros na década de 50, o papel do piccolo ganhou uma emancipação (GIPPO, 2009).

Hanlon (2017) aponta que o piccolo sempre foi reconhecido como uma extensão da flauta, e por ser mais agudo, com uma sonoridade penetrante e com uma projeção maior que a flauta, foi muito usado em banda militares:

Na Idade Média (500-1430), o pífaro, foi o antecessor do piccolo ocidental moderno, evoluiu na Europa como um instrumento militar para o movimento de tropas e fins cerimoniais. Foi somente nos últimos trezentos anos que o piccolo se desenvolveu de sua forma mais simples para o instrumento moderno do século XXI. Durante esta história mais recente, o flautim teve um papel significativo nas principais obras sinfônicas e serviu como um suporte em bandas militares ao redor do mundo. Compositores reconheceram o piccolo como uma extensão da flauta desde meados do século XVIII, adicionando uma oitava ao topo da orquestra. Somente nas últimas cinco décadas os compositores exploraram o flautim como um solo e instrumento de câmara capaz de muito mais cor e nuance do que se pensava. (HANLON, 2017, p. 3, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Benatti (2017, p. 24) corrobora dizendo que “por sua própria história, o piccolo se desenvolveu, a princípio, como um instrumento militar, sempre acompanhado de percussão ou bandas militares”. Hanlon (2017), destaca esse desenvolvimento do piccolo e o motivo pelo qual se encaixou em bandas militares:

O desenvolvimento musical e mecânico do piccolo seguiu o mesmo curso da flauta, embora o piccolo tenha chegado muito depois. Esse atraso no desenvolvimento poderia ser atribuído apenas ao papel mais proeminente da flauta. À medida que os compositores modernos se tornaram mais interessados o que já foi considerado um instrumento auxiliar da orquestra, cresceu a necessidade de artistas que se especializaram nesse instrumento. O uso limitado de concertos de piccolo na Renascença e no início do Barroco deve-se em grande parte à dureza do registro extremo superior e à fraca e incolor qualidade assombrosa da mais baixa que os compositores viam como problemática. Esses fatores limitaram o flautim a um pequeno papel, criando um efeito militar ou tempestuoso. (HANLON, 2017, p. 4, tradução nossa)<sup>9</sup>.

O piccolo foi reconhecido desde o início, somente como um auxiliar da flauta, e pouco foi explorado como um instrumento independente, como podemos ver, essa valorização só ocorreu nos últimos cinquenta anos devido ao interesse dos compositores em explorá-lo e conseqüentemente surgiu a necessidade de piccolistas com um estudo mais específico neste instrumento.

Christine Beard (2002) elaborou uma lista sobre alguns trechos de peças de banda sinfônica onde o piccolo se destaca ou atua como solista. Entre as peças dessa lista podemos encontrar a *Third Symphony*, do compositor James Barnes, *First Suite in*



*Eb* e a *Second Suite in F*, de Gustav Holst, *Symphony No. 1*, de Johan de Meij, *Suite Francaise*, de Darius Milhaud, a já citada *The Star and Stripes Forever*, de John Phillip Sousa, e algumas transcrições orquestrais para a formação de banda como a *Overture to Candide*, de Leonard Bernstein, *Dance of the Jesters*, de Tchaikovsky, *Festive Overture*, de Shostakovich, *Symphonic Metamorphosis*, de Hindemith, dentre diversas peças significativas na literatura das bandas sinfônicas.

## 5. Considerações finais

Neste trabalho verificamos que o piccolo possui sua história e particularidades consideravelmente próximas às da flauta, entretanto, conservam importantes diferenças entre si. Em sua trajetória, seu antecessor, o pífaro, relacionou-se primeiramente com as bandas militares, entretanto, perdeu espaço para o piccolo que, após seu maior desenvolvimento com importantes mudanças acústicas e adição de chaves, assumiu um protagonismo e passou a ser usado nas obras puramente orquestrais e em aberturas de óperas e, mais tarde, tornando-se instrumento fundamental nas bandas sinfônicas.

O piccolo tem sido abordado com uma função significativa principalmente nas últimas décadas, ainda tardiamente em relação ao desenvolvimento da flauta, porém, tornando-se um instrumento independente, começando a atuar como solista e em grupos camerísticos e um instrumento capaz de produzir músicas doces, expressivas, com diferentes colorações e timbres, além do papel de um instrumento forte e agressivo.

Portanto, com a realização dessa pesquisa, procuramos dar mais um passo no sentido de ampliar as discussões acadêmicas em pesquisas futuras no que tange questões técnico-interpretativas, de ensino e repertório relacionadas ao piccolo, a fim de colaborar e estimular flautistas, compositores e pesquisadores no interesse por esse instrumento.

## Referências

BEARD, Christine E. *Everything you ever wanted to know about the piccolo but were too afraid to ask!* TMEA Convention. University of Texas at Austin. San Antonio, TX, 2002.

BENATTI, Stefânia Coppo Ribeiro. *O Estudo do Piccolo pelo Flautista: Diferenças de abordagens técnicas com fins interpretativos*. Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Coutinho Rodrigues Costa. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,



Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), Programa de Pós-Graduação em Música, Goiânia, 2017.

BENNETT, Roy. *Instrumentos de orquestra*. Tradução por Luis Carlos Cseko. Original: 1982. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GIPPO, Jan. *The Complete Piccolo: a comprehensive guide to fingerings, repertoire, and history*. 3ª Edição. Estados Unidos: Theodore Presser Company, 2009. 62p.

GROVE, George; FULLER-MAITLAND, John Alexander; *Groves's dictionary of music and musicians*. Vol. 3 Macmillan, 1907.

GROVE, George. *Dicionário de música: tradução concisa*. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Editado por Stanley Sadie, editora assistente: Alison Latham - Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

HANLON, Keith D. *The piccolo in the 21st century: history, construction, and modern pedagogical resources*. Tese (Doctor of Musical Arts in Flute Performance) - The College of Creative Arts at West Virginia University. Morgantown, West Virginia, 2017. 24f.

MORATZ, Karen Evans. *Flauta: para leigos*. Editora Alta Books, 2013, Rio de Janeiro. Tradução por Stéfano Aguiar, revisão: Rogério Wolf, revisão gramatical: Kamilla Loivos. Original: 2010.

RÓNAI, Laura. *Em busca de um mundo perdido: métodos de flauta do barroco ao século XX*. Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2008.

---

<sup>1</sup> Records show that non-western cultures have been using small transverse flutes for ceremonial purposes dating back to the ninth century B.C.E. These small flutes might be considered distant relatives of the modern piccolo and demonstrate the cultural importance of the higher voice in non-western cultures. In China, a ten-holed flute available in several sizes, called the ti-tzu is used in the performance of traditional music. (HANLON, 2017, p. 14).

<sup>2</sup> The fife was developed during the Middle Ages (c. 500-1430) and is an early form of the modern piccolo. (HANLON, 2017, p. 15).

<sup>3</sup> The fife was a short cylindrical tube stopped with a cork at one end, often in B-flat or A-flat. (HANLON, 2017, p. 15).

<sup>4</sup> From the 34 catalogues that Zart Dombourian-Eby examines for her dissertation, she was able to determine that the flute makers made piccolos in over 40 different fingering systems, seven different tonalities, and out of six different materials. (GIPPO, 2009, p. 29).

<sup>5</sup> Ao final da década de 40, Boehm estava caminhando a passos largos para se tornar o maior fabricante de instrumentos da Europa. Homem de enorme curiosidade intelectual, já havia feito cursos especiais de acústica, e acabara de aperfeiçoar o esquema básico de construção que lhe deu fama definitiva. Esta foi a flauta “de sistema Boehm” (1847), um instrumento de prata, com furação cilíndrica e cabeça parabólica, abertura de embocadura retangular com cantos arredondados e orifício maior tamanho possível, fechados por sapatilhas acolchoadas interligadas por eixos e varetas. Depois de várias experiências com a chave de polegar para Si e Sib, em 1849 Boehm chegou à versão final que tem sido universalmente adotada desde então. (RÓNAI, 2008, p. 90).

<sup>6</sup> The first modern wind band came into being as a result of the French Revolution. (GIPPO, 2009, p. 32).

<sup>7</sup> It seems that the piccolo was an important instrument in the band repertoire from the very beginning and continued to be so with the military bands. (GIPPO, 2009, p. 33).

<sup>8</sup> In the Middle Ages (500-1430) the fife, predecessor to the modern western-piccolo, evolved in Europe as a military instrument for troop movement and ceremonial purposes. It is only during the past three hundred years that the piccolo has developed from its simplest form into the modern instrument of the twenty-first century. During this more recent history, the piccolo has played a significant role in the main



symphonic works and has served as a staple in military bands around the world. Composers have recognized the piccolo as an extension of the flute since the mid-eighteenth century, adding over an octave to the top of the orchestra. Only in the last five decades have composers explored the piccolo as both a solo and chamber instrument capable of far more color and nuance than previously thought. (HANLON, 2017, p. 3).

<sup>9</sup> The musical and mechanical development of the piccolo followed the same course as the flute although the piccolo arrived much later. This delayed development could be attributed solely to the more prominent role of the flute. As modern composers became more interested in what was once considered an auxiliary instrument of the orchestra, the need for performers who specialize in this instrument grew. The limited concert use of the piccolo in the Renaissance and early Baroque is due in large part to the harshness of the extreme upper register and the weak, colorless haunting quality of the lowest which composers saw as problematic. These factors limited the piccolo to a small role creating a military or storm-like effect. (HANLON, 2017, p. 4).